

GLOBALIZAÇÃO EMPREGO E TECNOLOGIA COOPERATIVA

PAULO DE TARSO MUNIZ CORRÊA*

Ao refletirmos sobre a lógica da globalização competitiva dos mercados mundiais em pleno vigor na conjuntura atual, constatamos que a mesma se funda na tecnologia avançada, crescimento econômico com alta concentração de renda e desemprego flagrante na maioria das nações de economia de mercado. Em razão disto esta reflexão nos leva a uma análise de cunho mais profundo. Primeiro, a grande questão não é a globalização em si, mas esta globalização como está posta, estabelecida de cima para baixo, privilegiando o capital em detrimento do "TRABALHO", fonte primordial de toda riqueza gerada pelo homem.

Segundo, que uma outra mundialização de caráter essencialmente cooperativo e solidário entre as nações, não só seria possível, mas talvez já se encontre em processo de gestação em alguns países mais avançados.

Poderíamos supor que o caminho de baixo para cima, seria aquele que maior viabilidade e benefício nos apresenta neste final de século e início de milênio. Nesta linha de raciocínio, podemos conceber cada cidadão como um centro gerador do desenvolvimento de si mesmo e das coletividades a que pertence. E sempre nesta perspectiva, acreditarmos que cada comunidade humana nos permite acenar para um outro tipo de lógica globalizante, edificada a partir da cidadania de cada um e do conjunto dos cidadãos de cada contingente social. Neste contexto a noção de uma Globalidade assentada na cooperação e complementação dos atores sociais sobressai-se, mediante ações e procedimentos voltados para a prática da cidadania plena e participativa.

Utopia? - Talvez pareça, todavia não nos esqueçamos de que as deliberações político-econômicas, não estão submetidas a um determinismo rígido, o que por sua vez, abre amplas possibilidades de alterações ou mudanças significativas na estrutura sócio-econômica das sociedades contemporâneas •

PAULO DE TARSO MUNIZ é aluno do Curso de Economia do CMRV - Parnaíba - PI.

LEONARDO MORAES JUNIOR*

Um dos principais problemas do mundo contemporâneo está relacionado com a diminuição estrutural dos níveis de emprego, ou seja, empregos que em grande parte não retornarão num novo ciclo de crescimento da economia.

As origens desse processo podem ser encontradas no final dos anos sessenta, com o início de uma mudança no cenário internacional, quando os Estados Unidos passam a sofrer intensamente a concorrência da economia européia, liderada pela Alemanha, e japonesa, que assumem a vanguarda da renovação tecnológica, como condição de garantir o nível de competitividade internacional. O avanço tecnológico, portanto, é variável fundamental para explicar parte considerável do desemprego hoje existente, bem como no aumento do nível de produtividade das empresas e na qualidade dos serviços oferecidos.

Nas últimas décadas do século XIX com o advento do taylorismo generalizou-se o uso de máquinas em grandes unidades produtivas e com a noção de "tempo útil" de sua teoria, o trabalhador se torna cada vez mais acessório da máquina. Mas a melhor combinação dos elementos homem e máquina parece ser alcançado no atual momento do capitalismo, quando um novo paradigma de produção industrial despoja associando-os de forma mais eficiente.

As indústrias passam por um processo de reestruturação que, a nível da dinâmica do processo produtivo tem por base o desenvolvimento tecnológico digital de base microeletrônica e, a nível da organização do processo industrial, a mudança na gestão da mão-de-obra.

O desenvolvimento de tecnologias com importância determinante do complexo eletrônico apresenta-se como "uma verdadeira destruição criadora schumpeteriana" segundo Jorge Mattoso. por outro lado, Jeremi Rifkin observa seu impacto sobre a organização da atividade econômica, onde *softwares* mais avançados estão invadindo a última esfera humana — os domínios da mente, sentenciando: "enquanto as primeiras tecnologias substituíam a força física do homem, as novas tecnologias baseadas no

computador prometem substituir a própria humana, colocando máquinas inteligentes no lugar de seres humanos em toda a escala da atividade econômica".

Para o trabalho, os resultados desse processo tem se mostrados adversos, principalmente no que se refere à redução do número de empregos disponíveis, manifestando-se de forma diferenciada, segundo a extensão e a profundidade de reestruturação sofrida e o grau de avanço do desenvolvimento tecnológico do país. Ao mesmo tempo a reestruturação gera dois tipos de empregados, aqueles com grande qualificação, ocupando posições estratégicas e trabalhando com novas tecnologias, tendo por isso melhores condições de trabalho e de salários, e aqueles com empregos de baixa qualidade, condições de trabalho insatisfatórias, baixa produtividade e, conseqüentemente, baixos salários. Acrescente-se ainda, a revolução administrativa por que passa a gestão da mão-de-obra, com técnicas como just-in-time, qualidade total, kaban, entre outras que são responsáveis pela mudança no perfil do trabalhador.

Naturalmente, todas as questões acima abordadas carecem de um maior aprofundamento, principalmente devido às controvérsias que suscitam e também às diferenças de manifestações desse fenômeno nos diversos países, daí o objetivo do presente texto converter-se apenas num início de discussão •

LEONARDO MORAES JUNIOR é aluno do Curso de Ciências Econômicas

ERRATA

O texto Emprego e Tecnologia do aluno Leonardo Moraes Junior foi publicado incompleto na edição anterior. Agora republicamos na íntegra.